

Espaços distópicos e heterotópicos no romance *A Costa dos Murmúrios* de Lídia Jorge: desconstrução do discurso salazarista, face às práticas subjacentes à Guerra colonial

Ana Maria Costa Lopes – Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação,
CI& DETS

Zaida Pinto Ferreira – Instituto Politécnico da Guarda – Unidade de Desenvolvimento e
Investigação do Interior

Anabela Naia Sardo- Instituto Politécnico da Guarda – Unidade de Desenvolvimento e
Investigação do Interior

Ana Paula Cardoso - Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação,
CI& DETS

1- INTRODUÇÃO

A Costa dos Murmúrios, de Lídia Jorge, dá-nos uma perspetiva da guerra colonial assente numa ótica pouco habitual, a ótica feminina.

Onde estiveram e o que fizeram as mulheres portuguesas como Eva Lopo – e outras ainda mais desafortunadas – durante a Guerra Colonial portuguesa?

De que forma é que o sonho megalómano da construção de uma utopia nas “províncias ultramarinas” viria a revelar-se, na realidade, como um emaranhado de distopias e heterotopias?

Na verdade, o termo heterotopia, elaborado pelo filósofo francês Michel Foucault, na sua conferência *Des espaces Autres* (1994), concita-nos, desde logo, a problematizar o papel do espaço na formação dos conceitos de subjetividade/alteridade, convocando reflexões sobre a natureza da dialética das relações entre centro e margem, que desencadeiam/podem desencadear situações de diáspora, hibridismo, territorialização/desterritorialização, enraizamento/desenraizamento, etc.

À luz destas reflexões procuraremos interpretar algumas das consequências da Guerra Colonial, quer para a mulher, quer, de forma ainda mais devastadora, para as populações autóctones, que foram subjugadas, forçadas, desde os primórdios da colonização, a aculturar-se a um modo de vida que lhes foi imposto, à sua revelia, pelos povos colonizadores. Durante o período em que durou a Guerra Colonial, os movimentos libertários moçambicanos (como a FRELIMO, entre outros) foram forçados a enfrentar o exército português, detentor de material bélico mais sofisticado, para defender um território que era seu por direito. Assim, ao longo de mais do que uma década após países europeus, como fossem a França ou o Reino Unido, terem concedido a independência às suas Antigas colónias (não obstante a África do Sul – declarada independente em 1961 - não tenha abdicado do regime instituído desde 1948, conhecido por “apartheid” em ordem à manutenção dos privilégios de uma minoria branca; na Rodésia, Ian Smith procurou também, embora por pouco tempo, impor o mesmo regime segregacionista vigente na África do Sul), o regime do Estado Novo liderado por António de Oliveira Salazar persistia no seu sonho de grandiosidade imperialista, segundo o qual Portugal se estendia desde o Minho até Timor.

As ambições imperialistas e patrióticas de Salazar acabariam por desacreditá-lo aos olhos dos governantes europeus, pelo que Portugal passaria a estar para a Europa como Moçambique estava para a África Austral (sobretudo a África do Sul e Rodésia), ou seja, segundo palavras de uma das personagens da obra de Lídia Jorge “como a bainha está para as calças” (Jorge: 28). O golpe militar do 25 de abril poria fim à guerra colonial, cujo único sentido possível terá sido, como explica Manuel Alegre, o de fechar o ciclo. Tal como o político-poeta, estamos de acordo que:

talvez tenhamos de não ser para podermos voltar a ser./ Há outro Portugal, não este. E sinto que tinha de passar por aqui para o encontrar. Não sei se passado, não sei se futuro. Não sei se fim ou se princípio. Sei que sou desse país: um país que já foi, um país que ainda não é” (Jornada de África:28).

2 – Pátria e Família: pilares para a difusão da ideia da “portugalidade” e manutenção da imagem das colónias como espaços eutópicos

Em Novembro de 1960, face à pressão provinda da ONU, bem como de outros países do Ocidente que se opunham ao facto de Portugal não ter concedido a independência às suas colónias em África (como aliás já foi referido na introdução), várias instituições ligadas ao governo de Salazar procuraram, através de iniciativas de índole diversa, mobilizar o povo português em defesa da política ultramarina. Salazar, por sua vez, em resposta aos líderes dos países que discordavam das suas políticas em relação ao Ultramar, profere um discurso intitulado «Portugal e a Campanha Anticolonialista», cujo teor passamos a transcrever:

“(…) Estamos em África há **400 anos**, o que é um pouco mais que ter chegado ontem. Levámos uma **doutrina**, o que é diferente de ser levados por um interesse. Estamos com uma política que a autoridade vai executando e defendendo, o que é distinto de abandonar aos chamados «ventos da história» os destinos humanos (...) Aqui e no Ultramar, em território nacional ou estrangeiro o Português de qualquer cor ou raça sente essa unidade tão vivamente que toma as discussões como ameaças e as ameaças como golpes que lhes retalham a carne (...) **Um único ponto me pareceria contrariar o espírito da unidade: seria pensar numa espécie de exclusivo ou privilégio que negasse a um português o direito de trabalhar ou de servir em qualquer fração do território, segundo as suas aptidões.** Não temos goeses e moçambicanos em Lisboa? Europeus e cabo-verdianos na Guiné? Angolanos ou guinéus em Moçambique? Moçambicanos em Timor? Pois assim penso deverá continuar a ser.

O Governo tem o espírito aberto a todas as modificações da estrutura administrativa, menos às que possam atingir a unidade da Nação e o interesse geral.” (negrito nosso)

«Edições SPN/S.N.I, Lisboa», O Pensamento de Salazar

Neste contexto e referindo-nos agora em concreto ao estatuto da mulher portuguesa, importa notar que, em 1967, entra em vigor um novo *Código Civil*, onde o marido continua a ser detentor das prerrogativas de que sempre usufruía, nomeadamente a de chefe de família, sendo ele quem tomava as decisões relativamente a todos os aspetos que diziam respeito quer à escolha do domicílio conjugal, quer a detalhes que se prendessem com a educação dos filhos. Na vigência deste *status quo* a autonomia jurídica da mulher era praticamente nula. Porém, durante a Guerra Colonial, foi a mulher quem teve, muitas vezes, de sustentar a família e a casa, com os seus poucos recursos económicos.

Tendo em conta o exposto, impõe-se de novo a pergunta inicial: onde estavam e o que fizeram as mulheres durante a guerra colonial em África?

Se aos varões competia defender a Pátria, à mulher (namorada, esposa, mãe, irmã) coube-lhe chorar a sua partida, acalentando a esperança de que eles regressariam sãos e salvos da guerra. Como refere Margarida Calafate Ribeiro, no seu artigo “África no feminino” :

[...] são delas – mães, irmãs, mulheres namoradas – os rostos crispados pela dor na despedida do cais de embarque, são delas os rostos de alegria e alívio na cais da chegada, **são delas as horas de aflição com os filhos na mira de uma possível viagem para África para reencontrar o marido**, são delas as rezas e as promessas nas peregrinações ao Santuário de Fátima, são delas os rostos absortos e magoados nas cerimónias das comemorações do dia de Portugal, onde lhes era entregue uma comemoração a título póstumo, atribuída àqueles que elas esperavam e não chegavam” (p.11) (negrito nosso)

Acresce que, como observa a autora suprarreferida, ainda que oficialmente não estivéssemos em Guerra, “nos jornais da época eram aplaudidas as mulheres que tinham muitos filhos e que os ‘davam’ para a defesa do Ultramar Português” (Ribeiro: 15).

Outros jornais incentivavam as famílias portuguesas a viajar para o Ultramar, no sentido de contrariar a onda migratória que, a partir dos anos sessenta, começara a direccionar-se para a Europa. Convictas de que, em comparação com as colónias portuguesas, alguns países europeus lhes ofereciam maiores e melhores perspectivas de estabilidade económica e social, muitas famílias

portuguesas empobrecidas tinham abandonado Portugal rumo a França, Luxemburgo, Suíça, Alemanha, etc.

O Governo de Salazar concedeu assim subsídios generosos às famílias que partiam para o Ultramar para que, ao mesmo tempo que decorria a ação militar, ocorresse também uma “rápida e sólida colonização” (Calafate Ribeiro: 17).

Por sua vez, as famílias dos militares usufruíam de privilégios especiais, como fossem o pagamento do transporte pelo Estado e ainda apoio médico proporcionado a toda a família.

Além destes incentivos, o governo sediado em Lisboa procurava veicular a ideia de que nas colónias a vida decorria com inteira normalidade. No romance *A Costa dos Murmúrios* o propósito de desvalorizar a dimensão da Guerra Colonial está bem patente nos comentários dos oficiais: “o que havia ao Norte era uma revolta e a resposta que se dava era uma contra- revolta. Ou menos do que isso- o que havia era banditismo, e a repressão do banditismo chamava-se contrassubversão. Não guerra.” (Jorge: 74). Várias outras passagens ilustram a ideia de que nos locais frequentados pela população de raça branca proveniente de Portugal Continental a vida fluía sem sobressaltos ou vicissitudes. Lembremos, por exemplo que os noivos circulavam livremente “sem malas nem roupas compridas” (p. 14), “ [sentindo-se] libertos pelas estradas da beira” (p. 14), deitando-se lado a lado na areia da praia defronte da casa de Jaime Forza Leal (67).

3. Dialética entre espaço da memória/estória e espaço da História

Esta obra de Lídia Jorge é constituída por uma narrativa curta, intitulada *Os Gafanhotos*, que nos parece apropriado designar como conto, uma vez que a sua estrutura é sintética, condensada, linear e objetiva, funcionando como uma espécie de enquadramento para os eventos ocorridos, sendo que o autor do conto seleciona o que pretende evidenciar e omite o que pretende omitir. Como afirma Eva Lopo: “o que pretendeu clarificar clarifica, e o que pretendeu esconder ficou imerso” (Jorge: 41).

O segundo relato da narrativa é composto por nove capítulos, onde Eva Lopo recorda acasos/fragmentos da sua vida pessoal que evocam acontecimentos ocorridos durante o período da guerra colonial.

Deste modo, o conto apresenta-se como uma espécie de relato oficial, imposto pela História, enquanto a voz de Eva Lopo, que acabará por ser aquela que predomina no romance, convida o leitor a uma desconstrução do discurso oficial. Por outro lado, é também destacada a inevitável e desejável correlação entre a memória/estória pessoal, tida como subjetiva e a História coletiva, considerada factual e objetiva.

Na verdade, a História não deixa, ela própria, de assentar num processo de rememoração, como bem salientou a escritora, numa entrevista concedida a Álvaro Cardoso Gomes em 1993, a propósito do romance de que nos ocupamos “o passado só se consegue reconstruir, na medida do possível, através das memórias” (citada por Trentin Oliveira:2004). Corroborando a opinião da autora, o conhecido crítico Helder de Macedo defende que “o que chamamos de História é também uma perceção de memória [...]. A História nunca é aquilo que aconteceu mas aquilo que permite significar o que aconteceu” (citado por Trentin Oliveira:2004).

É pois o espaço da memória que permite a Eva Lopo revisitar o passado de Evita (ela própria, 20 anos antes) e do alferes Luís Alexandre (seu noivo), (re) interpretando-o com o distanciamento que o hiato de vinte anos lhe proporciona.

Importa ainda salientar que enquanto no conto *Os Gafanhotos* os eventos nos são apresentados de acordo com uma ordem cronológica, no relato de Eva Lopo o processo narrativo desenrola-se, até certo ponto, à revelia de balizas temporais, livremente, em função das recordações que as perguntas (imaginadas) lhe vão suscitando.

Assim, Eva Lopo começa por considerar fascinante o relato *Os Gafanhotos*, sobretudo pela sua fidelidade ao som e ao cheiro, lembrando ao autor que “o som das figuras pode ser a sua voz, o perfume delas pode ser tão intenso que

constitua o halo perfeito das suas almas” (42). Compreende-se pois que os gradientes sensoriais¹ sejam a audição, o olfato, ou o olhar, assumam, quer no conto, quer na narrativa protagonizada por Eva Lopo, um papel fundamental para a fixação dos factos na memória, condicionando a escrita ficcional da autora. A título exemplificativo, e a propósito do gradiente sensorial olfato, passamos a citar uma passagem em que, no interior da casa de Helena de Troia, Evita constata que: “Porque estufava, todos os cheiros se misturavam, podendo distinguir-se desde o primitivo odor da tinta que estampava o tecido da janela, até ao cheiro dos coiros, até ao cheiro das diferentes madeiras” (130).

Porém, o gradiente sensorial do olhar é aquele que predomina na obra, porque é através deste que Eva Lopo recupera a memória da correlação entre as cores e o prenúncio ou desfecho de determinados acontecimentos. Lembremos que, segundo o relato que lemos no conto “Os Gafanhotos”, a noite iria cair “vermelha e negra” (31) na sequência da morte de centenas de Negros, após terem ingerido metanol, na convicção de que se tratava de vinho. Refletindo sobre este episódio, é claro o distanciamento de Eva Lopo relativamente ao facto de se omitir a morte de dezenas de negros:

Mas logo começaram a cair em qualquer parte da cidade, de forma pouco metódica – um, seis, três por noite. Não, não se sabia pelos noticiários, mas pelos mainatos. Os noticiários omitiam e a maior parte das mulheres que falavam no terraço concordava com a omissão. Era uma questão de justiça- se se omitia a morte e o sofrimento dos soldados portugueses atingidos em combate, porque razão se haveria de alarmar as pessoas mais sensíveis com a notícia da morte voluntária de uns negros ávidos de álcool? Se morriam, morriam. O *dumper* os levava da vista, as palmeiras continuavam agitando ao vento as folhas, muito mais flexíveis e perenes do que as vidas (62).

Na verdade, tanto Eva Lopo como o jornalista Álvaro Sabino (que virá a ser seu amante) estão convictos de que o envenenamento dos negros terá sido propositado, como se lê na passagem: “Quero subir ao alto de um prédio e dizer em voz alta [...] que estão aqui a envenenar pessoas pela calada” (126).

O verde e o amarelo são igualmente cores que prenunciam acontecimentos que irão ocorrer ao longo da narrativa. Assim, a cor verde está relacionada com a

¹ Veja-se Borges Filho, Oziris. *Introdução à Topoanálise*, 2008: 33.

praga de gafanhotos (32/33) mas também com as fardas dos soldados. Embora a cor verde esteja normalmente associada à ideia de esperança, nem no caso dos gafanhotos que subvoavam o *Stella Maris* (32) nem no caso das fardas dos soldados o verde é prenúncio de um acontecimento positivo, até porque, no caso dos gafanhotos, trata-se de uma praga e no que se refere aos soldados, a narradora considera que o navio está a **engoli-los**, como se lê na seguinte passagem:

“Um navio enorme, naquela tarde da Marisqueira, estava **engolindo** uma fila enorme de soldados verdes, que partiam em direção ao Norte, e que desacostou do cais sem um gemido, sem um apito, e se fez ao largo com a serenidade de um pedaço de gelo que se desprende e vai, foi o Luís quem disse - «Lá vão eles para a nossa guerra! “ (74)

Na verdade, ao recordar a partida dos soldados para a guerra, a imagem que lhe ocorre é a da “partida de todas as vidas desprendendo-se do seu último cais, sem hipótese de regresso, a caminho do absurdo do fim” (75).

Dado que África era amarela, como explica o Comandante da Região Aérea a Evita (11), as três cores conjugadas antecipam, segundo cremos, a derrota do exército português, uma vez que são essas as três cores da bandeira portuguesa.

3.1- Espaços distópicos e heterotópicos

Centrando-nos agora na descrição dos espaços de eutopia, distopia e heterotopia, consideremos que, a abrir a narrativa de que é protagonista, Eva Lopo, começando por evocar a imagem do *Stella Maris*, observa que o Hotel outrora “o sussurro de um tempo colonial doirado” (44) ao ser transformado em messe de oficiais se tornara “substancialmente mais prático, ainda que arrebatadoramente mais feio” (45). O hotel, agora convertido em messe, constitui naturalmente um espaço heterotópico, um espaço outro, se tivermos em conta o quarto princípio que caracteriza, segundo Foucault, um espaço heterotópico: “l'hétérotopie se met à fonctionner à plein lorsque les hommes se trouvent dans une sorte de rupture absolue avec leur temps traditionnel”². Efetivamente, o

² A heterotopia está em seu funcionamento pleno quando os homens se encontram numa espécie de rutura absoluta com o seu tempo tradicional.

Stella Maris era local de passagem, de transição entre um período de missão bélica e um período em que, cumprida essa missão, da qual estavam seguros que iriam sair vitoriosos, os oficiais se instalariam, com as suas mulheres e filhos, de forma permanente, numa casa certamente idêntica à de Forza Leal.

Por outras palavras, as colónias portuguesas em África transformar-se-iam em lugares eutópicos para os homens e mulheres de raça branca enquanto para os homens e mulheres de raça negra as suas aldeias, destruídas pelo exército, se converteriam em espaços distópicos, lugares de destruição e violência sem limites. Eva Lopo, então Evita, teve oportunidade de conferir as inúmeras atrocidades efetuadas pelo exército português quando Helena “de Troia”, mulher de Forza Leal lhe mostrou, na ausência dos maridos de ambas, as fotografias que Forza Leal mantinha escondidas em vários pacotes, cada um referente a uma das operações levadas a cabo pelo exército português, com a indicação “to be destroyed” (131) caso a guerra não tivesse um desfecho que lhes fosse favorável. Assim, de dentro do pacote onde se lia “Víbora Venenosa”, Helena retirou fotografias com “imagens de incêndios, aldeias em chamas [...]” (133) às quais se seguiam outras com “referência, localização e número de palhotas destruídas – destruídas trinta, oitenta e três... também traziam coordenadas. Agora no meio das palhotas incendiadas havia soldados correndo.” (133). Em seguida, Helena mostrou a Evita as fotos contidas num pacote com a indicação “Víbora Venenosa III”, onde tinham sido colocadas imagens que mostravam

mais rostos, mais cabeças de soldados escondidos em sarças, mais incêndios e logo a imagem dum homem caído de bruços, depois dois telhados, e sobre um dos telhados de palha, um soldado com a cabeça de um negro espetada num pau. Viam-se vários corpos sem cabeça á beira de uma chitala, um bando de galinhas avoejava sobre eles na mesma fotografia. (133)

O descaso por parte dos brancos relativamente à morte de centenas de negros, fosse pelo facto de terem ingerido metanol, fosse pelo facto de terem sido dizimados pelo exército português, remete-nos de novo para a questão da subjetividade/alteridade, bem como para a questão do centro e das margens, uma problemática que aliás não se aplica apenas à colonização levada a cabo pelos portugueses, mas também à colonização feita pelos restantes povos

europeus. Ávidos de conquistarem novos territórios e detentores de conhecimentos mais avançados, pelo menos do ponto de vista da posse e utilização de material bélico, os europeus impuseram a sua presença aos povos colonizados, assumindo-se como sujeitos e relegando os povos colonizados para uma condição de alteridade, ou, por outras palavras, impondo a sua mundividência aos povos que iam subjugando ao seu poder.

Na verdade, o sujeito, ao ser capaz de exercer violência sobre o “outro”, detém também ascendência, ou poder, sobre ele, o que não deixa de lhe proporcionar a *jouissance*³ lacaniana, ou seja o prazer, de natureza erótica, ainda que ancorado num impulso sádico. Como explica Fromm:

All the different forms of sadism which we can observe go back to one essential impulse, namely to have complete mastery over another person, to make him a helpless object of our will. [...] the most radical aim is to make him suffer, since there is no greater power over another person than that of inflicting pain on him, to force him to undergo suffering without his being able to defend himself. The pleasure in the complete domination over another person [...] is the very essence of the sadism. (*The Fear of Freedom*: 135) ⁴

Também Robert Young (Postcolonialism:139) considera que a colonização é um processo violento que atinge a língua e a cultura dos povos colonizados e os despersonaliza e descerebraliza. Segundo Young, a colonização assemelha-se a um ato de tradução, já que os colonizadores transportam o seu modo de vida original para as colónias conquistadas e a cópia por eles fabricada torna-se mais importante do que o original criado pelos povos nativos. Por outras palavras, a nova comunidade assemelha-se a um clone (ou espelho) da comunidade original

³ Trata-se de um termo elaborado por Lacan a partir da noção de o *princípio de prazer* dilucidada por Freud.

Jouissance significa prazer (ou estímulo), cujo extravasamento pode redundar em sofrimento. A *Jouissance* consiste pois numa combinação entre dor e prazer, que se traduz, para o sujeito, numa sensação de transgressão, de rutura com comportamentos social e culturalmente aceitáveis. Assim, para evitar que emoções descontroladas dominem o sujeito, a sociedade gerou mecanismos de controlo tais como a educação e as normas culturais. Veja-se “The Subversion of the Subject and the Dialectic of Desire in the Freudian Unconscious”, um dos seminários de Lacan, compilados na obra *Écrits* (671-701).

⁴ Todas as diferentes formas de sadismo que podemos observar remetem para um impulso essencial, designadamente o de ter domínio completo sobre outra pessoa, a fim de torná-lo um objeto indefeso de nossa vontade. [...] o objetivo fundamental é fazê-lo sofrer, uma vez que não existe melhor forma de exercer poder sobre outra pessoa que não seja infligindo-lhe dor, forçá-lo/a a submeter-se, a sofrer sem que possa defender-se. O prazer na dominação completa de outra pessoa [...] constitui a própria essência do sadismo.

dos colonizadores. Porém, este clone, ou retrato especular, desfigura as feições dos povos colonizados, dadas as transformações a que são obrigados a submeter-se.

Retomando a discussão relativamente ao facto de o exército português ter chacinado populações indígenas e destruído as suas aldeias, convertendo-as em espaços de violência e destruição, ou seja, em espaços distópicos, importa reiterar que, muito antes da guerra colonial, os brancos tinham transformado os negros em seus criados, mainatos conforme são designados na obra, sendo que, à semelhança do que acontecia nas fazendas da América Latina, também aos negros era reservado um espaço outro, um espaço marginal, heterotópico, por oposição ao espaço central, ocupado pela família dos colonizadores. Aliás são várias as passagens da obra em que é evidente a subjugação do colonizado ao colonizador, ainda que, a título exemplificativo passemos a referir apenas duas delas. Assim, quando Evita e Luís Alexandre, recém-casados, passeiam pela praia junto a um mangal e o noivo suja as pernas, é um negro, a quem o alferes Luís Alexandre se dirige como *black* quem lhas limpa, após o que se retira, de recuo. Consideremos o excerto: “O black ajoelhou-se no estrado de pau para limpar um a um os dedos do noivo, e, quando terminou, retirou-se de recuo, com o recipiente na mão, rindo intensamente e entornando a água. Tremendo e rindo desapareceu na porta, fechou a porta” (15). A segunda passagem diz respeito ao período áureo de colonização, uma altura em que, segundo revela Eva Lopo “Ainda os negros não podiam, ou não queriam, encontrar os colonos brancos no mesmo passeio das ruas. Quando falavam, jamais viravam as costas, curvando-se às arrecuas até desaparecerem pelas portas” (44).

Porém, como já deixámos implícito na introdução a este trabalho, corroborado pela observação de Evita de que [existia] um grande envenenamento que recaia sobre todas as coisas” (126) a Guerra Colonial revelou-se como um espaço outro, ou seja, um espaço heterotópico, tanto para os negros como para os oficiais e suas famílias - fundamentalmente as mulheres - que se deslocaram para África a fim de tomar parte na operação Cabo Delgado, a qual correspondeu, como é sabido, a uma operação que efetivamente ocorreu, a operação Nó Górdio.

Assim, tendo-nos já referido ao *Stella Maris* como um espaço heterotópico, referir-nos-emos, em seguida, às restantes heterotopias que, do nosso ponto de vista, a narrativa deixa patenteadas, restringindo todavia, por razões de circunstância, o foco da nossa análise aos dois principais protagonistas da narrativa, fundamentalmente o alferes Luís Alexandre e, por associação com este, a sua noiva Evita. Começemos por lembrar que a decisão de cumprir o serviço militar foi tomada por Luís Alexandre, à altura conhecido pela acunha de Evaristo Gailois, na decorrência de ter sido reprovado num exame de Matemática (140). Considerando que, de acordo com Foucault, o serviço militar constitui um resquício da heterotopia de crise existente nas sociedades primitivas⁵, não nos parece despropositado inferir que Luís Alexandre possa ter acreditado que a participação na guerra lhe permitiria ultrapassar a crise, o trauma que a reprovação lhe tinha provocado, na medida em que lhe permitiria adquirir poder, um poder igual (ou até superior) ao poder dos sujeitos que o tinham reprovado: “Desejo ardentemente a tropa, para voltar de novo à Matemática, e mostrar àqueles caras de cão como existe uma solução, uma forma para resolver Galois” (140).

A obsessão com a cicatriz do capitão, que reiteradamente é mencionada, mostra que Luís Alexandre acredita convictamente que, caso possuísse uma cicatriz como a de Forza Leal, seria reconhecido como um herói, a quem se admira e a quem se reconhece poder. Porém, a protagonista desconstrói a ideia de que a cicatriz possa constituir mais do que um ato de exibicionismo absurdo, que convertia o corpo do capitão num corpo heterotópico, dado que, por um lado, nenhum oficial fazia questão de ostentar as cicatrizes que a Guerra lhe provocara, e, por outro, graças ao advento da cirurgia plástica, que já tinha sido descoberta, as cicatrizes eram passíveis de serem disfarçadas ou removidas.

⁵ Dans notre société, **ces hétérotopies de crise** ne cessent de disparaître, quoi qu'on en trouve encore quelques restes. Par exemple, le collège, sous sa forme du XIXe siècle, ou **le service militaire** pour les garçons ont joué certainement un tel rôle (Foucault: 1984), negrito nosso.

TRADUÇÃO:

Em nossa sociedade, essas heterotopias de crise não cessam de desaparecer, embora se encontrem ainda alguns resquícios delas. Por exemplo, o século XIX ou o serviço militar para os rapazes desempenharam certamente tal papel.

Aliás, não é apenas o corpo do capitão que Eva Lopo entende ser heterotópico, mas também vários outros corpos são percecionados como heterotópicos, como fossem o corpo de Helena, o corpo de Gois, o corpo do Gordo, bem como, fundamentalmente, o corpo de Luís Alexandre, “um músculo atento aos ruídos” (239).

Tendo em conta que Foucault considera que é fundamental o confronto entre o eu-sujeito e o eu-objeto (confronto que ocorre quando o sujeito se olha/vê no espelho), em ordem a que o sujeito se possa reconstruir no lugar que ocupa, cada um destes corpos é ao mesmo tempo um corpo utópico e heterotópico. Não podemos ainda deixar de observar que uma outra característica comum a cada um destes corpos é o facto de cada um deles ser um corpo fragmentário, ou, por outras palavras, o facto de todos eles transportarem o estigma da incompletude ou da vacuidade. Referir-nos-emos apenas, a título de exemplo, ao caso de Helena de Tróia, de cujo corpo eram as partes que se espalhavam, o pé, a perna, o braço, o pescoço.

Helena de Troia enchia a sala como um gaz que se espalha. Era o corpo que se espalhava, não era a voz nem a alma. E do corpo eram as partes, o pé, a perna, o braço, o pescoço, que se espalhavam, isoladamente, como se procurassem um local onde se expor. Eram partes feitas para ser vistas, colocadas cada uma sobre o seu plinto, e encontravam-se agarradas umas às outras pela inquietação da sua dona (Jorge: 161).

Outras heterotopias, às quais não iremos referir-nos por razões de circunstância, são o bordel, conhecido por *Moulin Rouge* e também a referência à biblioteca de Alexandria, no sentido de questionar o sentido da história face a um universo que não caminha para lugar nenhum, “que é o local para onde desembocam todas as passagens” (111). Não menos importante do que as heterotopias a que acabámos de nos referir é sem dúvida a heterotopia do comboio, em que Evita e Luís Alexandre, (ou Evaristo Galois) fazem amor pela primeira vez. Considerando que, da mesma forma que o navio (a heterotopia por excelência), também o comboio, ainda que sinónimo de aventura, imaginação e sonho, é simultaneamente sinónimo de algo que passa, o ato de amor praticado por eles dentro do comboio em andamento constitui um prenúncio de que também o amor

deles passará. Na verdade, tendo sobrevivido à heterotopia de crise⁶, Luís Alexandre não ultrapassa a heterotopia de desvio para a qual a experiência da guerra o empurrara e acabará por morrer e, depois de transportado para Portugal num navio, acabará no cemitério⁷, espaço que alia a noção de heterotopia à de heterocronia.

4- Conclusão

Graças a um processo de anamnese, Eva Lopo reconstrói, não só a sua própria estória, como a história do seu povo, podendo o romance ser designado como anti-epopeia, na medida em que os feitos dos portugueses não são celebrados, mas antes se denunciam as atrocidades cometidas durante o período da guerra colonial. Luís Alexandre, por sua vez, prefere dar primazia aos atos de suposta heroicidade praticados pelos militares pertencentes à companhia liderada por Forza Leal, da qual ele próprio fazia parte, esquecendo que um dia fora um apaixonado da Matemática a quem tinham alcunhado de Evariste Galois. A sua amnésia, porém, acabará por conduzi-lo à morte.

O destino de Luís Alexandre, o “eterno” noivo que um dia sonhara encontrar, através de uma fórmula matemática, a harmonia do Universo, não deixa de evocar a reflexão de Walter Benjamin sobre o “Anjo da História” que se vê impotente para salvar o passado:

Es gibt ein Bild von Klee, das Angelus Novus heißt. Ein Engel ist darauf dargestellt, der aussieht, als wäre er im Begriff, sich von etwas zu entfernen, worauf er starrt. Seine Augen sind aufgerissen, sein Mund steht offen, und seine Flügel sind aufgespannt. Der Engel der Geschichte muss so aussehen. Er hat

⁶ Mais ces hétérotopies de crise disparaissent aujourd'hui et sont remplacées, je crois, par des hétérotopies qu'on pourrait appeler de déviation : celle dans laquelle on place les individus dont le comportement est déviant par rapport à la moyenne ou à la norme exigée. **Ce sont les maisons de repos, les cliniques psychiatriques**; ce sont, bien entendu aussi les prisons. (Mas hoje essas heterotopias de crise têm vindo a desaparecer, sendo substituídas, creio, por heterotopias que poderíamos chamar de desvio: aquele em que se aloca os indivíduos cujo comportamento é desviante em relação à média ou à norma exigida. São as casas de repouso, as clínicas psiquiátricas; e são, certamente também, as prisões.)

⁷[...] hétérotopie se met à fonctionner à plein lorsque les hommes se trouvent dans une sorte de rupture absolue avec leur temps traditionnel; on voit par là que le cimetière est bien un lieu hautement hétérotopique, puisque le cimetière commence avec cette étrange hétérochronie [...] (Foucault: 1984) (A heterotopia está em seu funcionamento pleno quando os homens se encontram numa espécie de ruptura absoluta com o seu tempo tradicional; vê-se assim, que o cemitério é mesmo um lugar altamente heterotópico, pois ele tem início com essa estranha heterocronia [...]).

das Antlitz der Vergangenheit zugewendet. Wo eine Kette von Begebenheiten vor uns erscheint, da sieht er eine einzige Katastrophe, die unablässig Trümmer auf Trümmer häuft und sie ihm vor die Füße schleudert.⁸

Ainda assim, acreditamos que a obra *A Costa dos Murmúrios* continuará a ser objeto de estudo, a fim de que as palavras não se isolem dos objetos que designam, se desprendam dos sons e dos sons apenas restem **os murmúrios** (Jorge: 259).

BIBLIOGRAFIA

Alegre, Manuel (1989). *Jornada de África*. Lisboa: Dom Quixote.

Augé, Marc (2012). *Não-Lugares. Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. 1ª Edição. Lisboa: Livraria Letra Livre.

Bachelard, Gaston (1958). *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes.

Benjamin, Walter (2017). *O Anjo da História*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim.

Brandão, Luís Alberto (2013). *Teorias do Espaço Literário*. São Paulo: Editora Perspectiva.

Borges Filho, Ozíris (2007). *Espaço & Literatura: Introdução à Topoanálise*. Franca: Ribeirão Gráfica Editora.

Borges Filho, Ozíris, e Barbosa, Sidney (org.) (2009). *Poéticas do Espaço Literário*. São Paulo: Editora Claraluz.

Borges Filho, Ozíris (org.) (2016): *O Espaço Literário. Textos teóricos*. Uberaba: Ribeirão Gráfica Editora.

⁸ Há uma foto de Klee chamada Angelus Novus. A foto retrata um anjo, que parece estar prestes a afastar-se de algo para o qual olha. Os olhos dele estão abertos, a boca aberta e as asas esticadas. O Anjo da História deve parecer assim. Ele tem o rosto voltado para o passado. Onde diante de *nós* aparece uma série de eventos, *ele* vê uma catástrofe única, que sem cessar acumula escombros, arremessando-os diante dos seus pés. (citado por Manuela Lacerda Cabral, “A Costa dos Murmúrios: inquietação pós- moderna”, 286 – 287).

- Calafate Ribeiro, Margarida (2004). "África no feminino: As mulheres portuguesas e a Guerra Colonial" Coimbra, CES: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 68, 7-29.
- Cruzeiro, Manuela (2004). "As mulheres e a Guerra Colonial: Um silêncio demasiado ruidoso". Coimbra, CES: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 68, 31-41.
- Foucault, Michel (1994): "Des espaces autres". *Dit et écrits. IV. 1954-1988*. Paris: Éditions Gallimard, 752-762.
- Fromm, Erich (2008). *The Fear of Freedom*. London: Routledge.
- Gomes, Álvaro Cardoso (1993). *A voz itinerante: ensaio sobre o romance português contemporâneo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Jorge, Lúcia (1988). *A Costa dos Murmúrios*. Lisboa: D. Quixote.
- Lacerda Cabral, Manuela (1997). "A Costa dos Murmúrios: inquietação pós-moderna". Porto: *Revista da Faculdade de Letras*, XIV, 265-287.
- Lacan, Jacques (2006). "The Subversion of the Subject and the Dialectic of Desire in the Freudian Unconscious" *Écrits*. Trad. Bruce Fink. New York: W.W. Norton & Company.
- Lutwack, Leonard (1984). *The Role of Place in Literature*. New York: Syracuse University Press.
- Salazar, António de Oliveira (1960). "Portugal e a Campanha Abolicionista". O *Pensamento de Salazar*. Lisboa: Edições SPN/S.N.I.
- Tally, Robert (2013). *Spatiality*. London and New York: Routledge.
- Trentin Oliveira, Raquel (2004). "Os Murmúrios de uma Vivência: a desmistificação de uma identidade", *fragmentum*, nº 8. Laboratório Corpus: UFSM.
- Tuan, Yi- Fu. (1977). *Space and Place: The Perspective of Experience*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Young, Robert (2003). *Postcolonialism: A Very Short Introduction*. Oxford:
Oxford University Press.